

SINDICALISMO E ANARQUISMO: A PERSPECTIVA GOLDMINIANA EM FOCO

*Nilciana Alves Martins*⁶⁹

Mestranda em História (UFJF)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal compreender como o sindicalismo revolucionário se relaciona com o anarquismo dentro da perspectiva goldminiana. Para cumprir tal tarefa, analisaremos o artigo “*Syndicalism: It's Theory and Practice*”, escrito por Emma Goldman em 1913. E, buscando evidenciar a pluralidade de visões existente dentro da teoria anarquista, iremos comparar o pensamento de Goldman sobre essa questão com o de Pierre Monatte (1881-1960) e Errico Malatesta (1853-1932), refletindo assim sobre as aproximações e os distanciamentos existentes entre os três pensadores.

PALAVRAS-CHAVE: Emma Goldman; Pierre Monatte; Errico Malatesta; Sindicalismo Revolucionário; Anarquismo.

ABSTRACT: The main objective of this article is to understand how revolutionary unionism relates to anarchism within the Goldminian perspective. To accomplish this task, we will review the article "Syndicalism: It's Theory and Practice", written by Emma Goldman in 1913. And, seeking to highlight the plurality of visions existing within anarchist theory, we will compare Goldman's thinking on this issue with that of Pierre Monatte (1881-1960) and Errico Malatesta (1853-1932), thus reflecting on the approximations and distances existing between the three thinkers.

KEYWORDS: Emma Goldman; Pierre Monatte; Errico Malatesta; Revolutionary Unionism; Anarchism.

O papel social do sindicato foi um tema muito discutido dentro do universo intelectual anarquista, Errico Malatesta⁷⁰, Émile Pouget⁷¹, Pierre Monatte⁷²e, até mesmo

⁶⁹Bacharela em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com o trabalho "A Revolução Russa por Emma Goldman". Licenciada em História pela mesma instituição, com o trabalho "Ideias em Movimento: Um diálogo entre Emma Goldman e Francisco Ferrer". Atualmente é mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação da UFJF, na linha de "Narrativas, Imagens e Sociabilidades", com o projeto "A perspectiva Goldminiana". Também atua como gerente editorial da Locus: Revista de História da UFJF e editora de seção da Revista Faces de Clio-UFJF. Tem interesse em pesquisas sobre trajetórias, imprensa, história intelectual anarquista, gênero e mundos do trabalho. E-mail: nilcianaalves@gmail.com.

⁷⁰Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

⁷¹Émile Pouget (1860-1931), anarquista de origem francesa que foi vice-secretário da Confederação Geral do Trabalho de 1901 a 1908.

⁷²Pierre Monatte (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores Confederação Geral do Trabalho.

Bakunin⁷³ (Leval, 2018), já demonstravam uma preocupação com essa temática⁷⁴. Fato é que, nas primeiras décadas do século XX, o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo já eram praticados em diferentes continentes. Anarquismo e sindicalismo revolucionário, vale lembrar, não constituem mundos completamente antagônicos e, muitos anarquistas, acabaram vendo no sindicato uma forma de atrelar a luta mais imediata pela melhoria de vida dos trabalhadores como um projeto propriamente revolucionário, isto é, com a busca por um novo mundo.

Obviamente, ainda que algumas ideias e estratégias do sindicalismo revolucionário sejam convergentes com o tronco duro do anarquismo, essa não é uma regra universal, visto que o sindicalismo revolucionário ganhou contornos e aproximações ideológicas distintas quando olhamos para diferentes países e temporalidades. Não podemos afirmar, como faz (Schmidt; Walt, 2009), que o sindicalismo revolucionário é e foi, sempre, uma estratégia anarquista. Como também seria imprudente falar que o sindicalismo revolucionário nunca possuiu nenhuma relação com o anarquismo. É necessário, portanto, análises históricas pormenorizadas, que levem em conta o contexto e as especificidades do movimento operário de cada região e temporalidade, antes de definir qual é a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário ali.

Nos Estados Unidos, talvez seja a *Industrial Workers of the World* – *IWW*⁷⁵ a grande representante do sindicalismo de cunho mais revolucionário, isso por conta de seus princípios organizacionais serem: a autogestão, a autonomia, como também a solidariedade e por terem a ação direta enquanto principal tática reivindicatória. A *IWW* nasceu em 1905, em uma união entre anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários, insatisfeitos com as ações da *American Federation of Labor* - *AFL*⁷⁶ que, na perspectiva desse grupo, não conseguia organizar a classe trabalhadora do país, visto, entre outras coisas, sua baixa adesão.

⁷³Mikhail Bakunin (1814-1876) foi um teórico e revolucionário anarquista. Considerado por muitos como um dos fundadores da perspectiva propriamente anarquista.

⁷⁴Vale ressaltar também que quando se discutia sobre o sindicalismo haviam diferentes visões dentro da perspectiva anarquista. Alguns ressaltavam as potencialidades dessa forma organizacional, outros se preocupavam em evidenciar suas limitações, por exemplo. Tal situação, demonstra a pluralidade e o debate interno existente dentro da própria “tradição” anarquista.

⁷⁵Tradução: “Trabalhadores Industriais do Mundo”. (tradução nossa).

⁷⁶Tradução: “Federação Americana do Trabalho”. (tradução nossa).

Entre os fundadores da *IWW*, estava Lucy Parsons⁷⁷, mulher que teve sua infância marcada pela escravidão, mas que, ainda jovem, tornou-se uma das mais relevantes oradoras públicas de sua época. Com o decorrer dos anos, a *IWW* ganhou ainda mais protagonismo, organizando muitas ações reivindicatórias que abarcavam as necessidades da classe trabalhadora industrial. E, além disso, a *IWW*, dada, entre outras coisas, a presença de pessoas como Parsons, se mostrava relativamente mais aberta aos problemas específicos da população negra, isso quando comparada a outras instituições. Mas, a partir da década de 1920, ficava cada vez mais evidente que a repressão e perseguição dirigidas às ações e membros da *IWW* dificultavam, de fato, o livre desenvolvimento da organização⁷⁸. Segundo Angela Davis:

A *IWW*, conhecida popularmente como “Wobblies”, foi fundada em junho de 1905. Definindo-se como um sindicato de trabalhadores da indústria, a *IWW* proclamava que jamais poderia existir relacionamento harmônico entre a classe capitalista e os trabalhadores por ela empregados [...] a *IWW* adotou como política complementar a luta direta contra o racismo [...] para a *IWW*, o principal objetivo era organizar a classe assalariada e desenvolver a consciência de classe revolucionária e socialista [...] a *IWW* dirigia sua atenção explicitamente aos problemas específicos da população negra [...] mas a *IWW* era uma organização sindical focada na mão de obra industrial, que – graças à discriminação racista – ainda era esmagadoramente branca. A minúscula minoria de pessoas negras na mão de obra industrial quase não incluía mulheres, que permaneciam absolutamente excluídas das atividades industriais. De fato, a maioria da mão de obra negra, tanto masculina quanto feminina, ainda trabalhava na agricultura ou nos serviços domésticos. Como consequência disso, apenas uma fração da população negra podia ser alcançada por um sindicato industrial – ao menos que o sindicato lutasse de modo vigoroso pela admissão de pessoas negras na indústria. (Davis, 2016: 156-168).

⁷⁷Lucy Parsons (1851-1942), anarquista estadunidense que durante a infância fora escrava, mas que se tornou uma das mais influentes oradoras e escritora de sua época.

⁷⁸De qualquer forma, a *IWW* continuou atuando de forma intensa no pós- Segunda Guerra, como também se destacou na luta por uma outra forma de globalização que marcou o final dos anos 90 e início dos anos 2000. Sobre essas ações ver: (GRAEBER, 2013).



University of Washington Libraries, Special Collections Division

Figura 16. “Grande grupo de pessoas marchando pela estrada para um evento da IWW, aproximadamente 1910-1920”. University of Washington Libraries, Special Collections - SOC3893. Disponível em: <https://digitalcollections.lib.washington.edu/digital/collection/social/id/2935>. Acesso 28/03/2021.

Se por um lado sufragistas como Susan B. Anthony⁷⁹ acreditava que “a grande vantagem que diferencia os operários desta república é que o filho do cidadão mais humilde, negro ou branco, tem oportunidades iguais às do filho do homem mais rico do país” (Anthony apud Davis, 2019: 146), Emma Goldman compreendia o mundo de forma completamente oposta. Ao verificar que as condições em solo norte-americano não eram igualitárias, sendo a condição da multidão muito inferior à das camadas mais abastadas, Goldman atuou ativamente em muitos movimentos reivindicatórios levantados pelos trabalhadores de sua época. Com isso, Emma estava muito próxima dos sindicatos, sendo esses espaços, algumas vezes, utilizados para suas palestras, por exemplo.

Em fevereiro de 1913⁸⁰, Goldman publicou o artigo “Sindicalismo: sua teoria e prática”, texto que analisaremos para investigar sua perspectiva em relação ao sindicalismo de sua época. Nossa pensadora iniciou sua narrativa evidenciando que, em sua visão, a *IWW* carregava contradições internas relevantes como, por exemplo, a ligação partidária dos líderes do referido sindicato. Para ela, o Partido Socialista era “antagonista aos princípios assim como às atividades da *IWW*” (Goldman, 2010:1), sendo, dessa forma, incongruente a filiação partidária de líderes da *IWW*. Tal situação evidenciaria, para Goldman, que “à mente

⁷⁹Susan Brownell Anthony (1820-1906) foi uma escritora, professora e ativista feminista norte-americana que atuou fortemente na luta das mulheres pelo direito ao voto.

⁸⁰*Mother Earth*, vol. VIII, n.12.

indefinida e incerta do radical americano, as ideias e métodos mais contraditórios são possíveis” (Goldman, 2010:1).

Outro aspecto que foi criticado por Goldman, diz respeito aos motivos que levavam algumas pessoas aderirem ou escreverem sobre o sindicalismo em solo norte-americano. Segundo ela, “no presente, o sindicalismo é o passatempo de vários americanos, supostos intelectuais. Não que eles saibam algo a respeito dele, além de que algumas grandes autoridades – Sorel⁸¹, Bergson⁸² e outros – o defendem” (Goldman, 2010:1), isso tudo, “porque o americano precisa do selo da autoridade, ou ele não aceita uma ideia, não importa o quão verdadeira e valiosa ela pode ser” (Goldman, 2010:1). Para Goldman, o sindicalismo era uma força que estava sendo praticada com sucesso pelos trabalhadores europeus, portanto, era, em sua visão, problemático que alguns estadunidenses abraçassem ou pensassem sobre o sindicalismo somente porque ele tinha certa “sanção autoritativa oficial” (Goldman, 2010:1), isto é, contasse com o apoio de pessoas como Sorel, Bergson e outros.

Investigar e compactuar com o sindicalismo somente por conta de que grandes autoridades como Sorel, Bergson e outros também o apoiavam era, para Goldman, como se o sindicalismo tivesse sido “descoberto pela filosofia de Bergson ou pelas descobertas teóricas de Sorel e Berth⁸³, e não tivesse existido e vivido entre os trabalhadores muito tempo antes destes homens escreverem sobre ele” (Goldman, 2010:1). A oposição de Goldman a tal busca pelo “selo de autoridade” diz respeito a sua visão sobre o sindicalismo, isso porque, para ela, “o traço que distingue o sindicalismo da maioria das filosofias é que ele representa a *filosofia revolucionária do trabalho concebida e nascida na luta real e na experiência dos trabalhadores* [grifo nosso]” (Goldman, 2010:1,2). Portanto, para Goldman, o sindicalismo revolucionário não teria nascido em “universidades, faculdades, bibliotecas ou no cérebro de alguns cientistas” (Goldman, 2010:2), dessa forma, o sindicalismo seria “a filosofia revolucionária do trabalho” (Goldman, 2010:2), esse seria “o verdadeiro e vital significado do sindicalismo” (Goldman, 2010:2).

Para Goldman, ainda em 1848, uma grande parte dos trabalhadores perceberam “a futilidade total da atividade política como uma forma de ajudá-los em sua luta econômica” (Goldman, 2010:2) e, já naquela época, “a demanda foi direcionada a medidas econômicas

⁸¹Henri Bergson (1859-1941) foi um filósofo e diplomata francês vencedor do Nobel de Literatura de 1927.

⁸²Georges Sorel (1847-1922) teórico francês conhecido pelas suas contribuições teóricas em relação ao sindicalismo revolucionário.

⁸³Édouard Berth (1875-1939) teórico do sindicalismo francês.

diretas, assim como contra o inútil desperdício de energia em vias políticas” (Goldman, 2010:2). E, “depois de anos de agitação e *experimentação* [grifo nosso], a ideia foi incorporada pela primeira convenção da Internacional em 1867” (Goldman, 2010:2), na resolução “de que a emancipação econômica dos trabalhadores deve ser o principal objetivo de todos os revolucionários, ao qual todo resto está subordinado” (Goldman, 2010:2). Visto isso, podemos perceber que Goldman fez um esforço para ressaltar a dimensão histórica e criativa do sindicalismo revolucionário, o identificando como uma filosofia criada dentro da dinâmica do universo do trabalho. Goldman não procura em Sorel as “origens” do sindicalismo revolucionário, mas nas ações da AIT⁸⁴, nas próprias ações dos trabalhadores.

Em 1900, Goldman, enquanto delegada do Congresso Anarquista de Paris, teve seu “primeiro contato com o sindicalismo em operação” (Goldman, 2010:2) e, em seu retorno aos Estados Unidos, ela começou “a propagar ideias sindicalistas, especialmente a Ação Direta e a Greve Geral” (Goldman, 2010:2). Apesar disso, era, segundo a autora, “como falar para montanhas rochosas – nenhuma compreensão, mesmo entre os elementos mais radicais, e completa indiferença nas fileiras operárias” (Goldman, 2010:2). Mas, foi em 1907, que Goldman encontrou “os sindicalistas mais ativos na *Confederation Generale du Travail*⁸⁵: Delesalle⁸⁶, Monate⁸⁷ e muitos outros” (Goldman, 2010:2) e, mais do que isso, foi ali que Goldman teve “a oportunidade de ver o sindicalismo em operação diária, em suas formas mais construtivas e inspiradoras” (Goldman, 2010:2). Goldman ressalta essa passagem por Paris para mostrar que seu “conhecimento do sindicalismo não vem de Sorel, Bergson ou Berth, mas do *contato e da observação reais* [grifo nosso] do tremendo trabalho conduzido pelos trabalhadores de Paris dentro das fileiras da confederação” (Goldman, 2010:3).

Segundo Goldman, o sindicalismo inaugurou uma nova faceta do movimento operário, isso porque “enquanto as antigas uniões operárias, sem opção se movem dentro do sistema salarial e do capitalismo, reconhecendo o último como inevitável, o sindicalismo os repudia e condena os acordos industriais atuais como injusto e criminosos” (Goldman, 2010:3) e, por isso mesmo, “não transmite nenhuma esperança para o operário quanto aos

⁸⁴Aliás, essa ideia de que a AIT seria uma das “origens” do sindicalismo revolucionário é aceita pela historiografia mais recente. Ver mais em: (SILVA, 2019).

⁸⁵Tradução: “Confederação Geral do Trabalho”. (tradução nossa).

⁸⁶Paul Delesalle (1870-1948) foi um anarquista e sindicalista francês que se destacou no movimento sindical de sua época.

⁸⁷Pierre Monatte (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores Confederação Geral do Trabalho.

resultados duradouros deste sistema” (Goldman, 2010:3). Para Goldman, apesar do sindicalismo lutar por ganhos imediatos, ele “não é estúpido o suficiente para fingir que o trabalho pode esperar condições humanas a partir de arranjos econômicos desumanos na sociedade” (Goldman, 2010:3). Nesse sentido, “ele meramente retira do inimigo o que ele pode forçá-lo a entregar; no todo, entretanto, o sindicalismo objetiva e concentra suas energias na derrubada completa do sistema salarial” (Goldman, 2010:3). O sindicalismo, por fim, “objetiva libertar o trabalho de cada instituição que não tenha por meta o livre desenvolvimento da produção para o benefício de toda a humanidade” (Goldman, 2010:3). Em suma, para Goldman:

O propósito definitivo do sindicalismo é reconstruir a sociedade de seu presente estado centralizado, autoritário e brutal para um baseado no agrupamento livre e federativo dos trabalhadores nas linhas da liberdade econômica e social. Com este objetivo em vista, o sindicalismo trabalha em duas direções: primeiro, minando as instituições existentes; segundo, desenvolvendo e educando os trabalhadores e cultivando seu espírito de solidariedade para prepará-los para uma vida cheia e completa quando o capitalismo tiver sido abolido [...] o sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo [...] como o anarquismo, o sindicalismo prepara os trabalhadores ao longo de linhas econômicas diretas, bem como fatores conscientes nas grandes lutas de hoje, bem como fatores conscientes na tarefa de reconstruir a sociedade em linhas industriais autônomas, bem como contra o espírito paralisante da centralização, inerente em todos os partidos políticos. (Goldman, 2010:3).

Goldman acreditava que os interesses antagônicos do capital e do trabalho não poderiam ser nunca reconciliados, portanto, apoiava a ideia de que o sindicalismo deveria se afastar dos métodos antigos das uniões operárias e “declarar uma guerra aberta contra o regime capitalista, assim contra toda instituição que hoje apoia e protege o capitalismo” (Goldman, 2010:3). Goldman declara que, como sequência lógica de sua crítica ao sistema capitalista, o sindicalismo rejeita o sistema contratual, isso “porque ele não considera o trabalho e o capital como iguais, conseqüentemente não pode consentir com um acordo que um tem o poder de quebrar, enquanto o outro deve se submeter sem compensação” (Goldman, 2010:3). O sindicalismo também rejeita, segundo a autora, “as negociações em disputas trabalhistas, porque tal procedimento só serve para dar ao inimigo tempo para preparar seu fim da luta” (Goldman, 2010:3,4). Ao invés de negociações agendadas de acordo com critérios estabelecidos pelos próprios capitalistas, o sindicalismo “defende a espontaneidade, tanto como um mantenedor da força combativa operária como também porque ela pega o inimigo desprevenido, conseqüentemente o compele a um ajuste acelerado ou o causa grande perda” (Goldman, 2010:4). O antiparlamentarismo e a atitude antimilitar também seriam, para Goldman, características desse tipo de sindicalismo (Goldman, 2010:4).

Outro fator criticado pelo sindicalismo revolucionário seria, segundo Goldman, “uma grande reserva de fundos sindicais” (Goldman, 2010:4), isso “porque o dinheiro é um elemento tão corruptor nas fileiras do trabalho quanto o é naquelas do capitalismo” (Goldman, 2010:4). E, portanto, “a principal razão para a oposição do sindicalismo a grandes reservas consiste no fato de que elas criam distinções de classe e inveja dentro das fileiras operárias, tão prejudiciais ao espírito de solidariedade” (Goldman, 2010:4). Nesse sentido, “o trabalhador cuja organização tem uma grande bolsa se considera superior a seu irmão pobre, assim ele acredita ser melhor do que o homem que ganha cinquenta centavos a menos por dia” (Goldman, 2010:4). Altas reservas de dinheiro poderia funcionar como um elemento corruptor dentro das fileiras operárias, isto é, poderia dificultar a criação de um ambiente onde prevaleça o princípio de solidariedade, parte da espinha dorsal do anarquismo⁸⁸. Além disso, ao apontar essa questão, Goldman mostra que sua visão sobre o alcance do poder/ das relações de poder não dizem respeito somente a atuação direta (mais visível e previsível) do Estado e do capital, mas também sobre uma força quase invisível (mas de desdobramento real) presente em praticamente todos nós (ainda que inconscientemente) e que atua em diversos espaços da sociedade, até mesmo naqueles espaços de resistência ao capitalismo. Nesse sentido, Goldman reconhece que somos todos nós influenciados pelo meio.

Por muito tempo, alguns marxistas propunham que o ambiente de trabalho industrial, devido sua própria forma de estruturação, funcionaria como um estimulador para a organização dos trabalhadores. Em suma, o próprio ambiente de trabalho forjaria sua oposição. Entretanto, não há muitas organizações trabalhistas que se fizeram existir somente por esse fator. A própria classe trabalhadora tem interesses imediatos antagônicos, a própria classe trabalhadora é refém de seu meio, de relações de poder mais amplas que caracterizam nossa sociedade e, isso tudo, é resultado da própria dinâmica do capitalismo. Os trabalhadores não são seres a frente de seu tempo, estão, como todos nós, presos dentro de nossa temporalidade⁸⁹. Ao afirmar que “o dinheiro é um elemento tão corruptor nas fileiras do trabalho quanto o é naquelas do capitalismo”, Goldman, assim como muitos outros anarquistas, tem uma visão realista da condição da classe trabalhadora, partindo do

⁸⁸Para saber mais sobre a solidariedade anarquista e demais princípios que compõe a espinha dorsal do anarquismo ver (CORRÊA, 2014). Além disso, através desse link o leitor poderá assistir um recurso audiovisual que também diz sobre essa questão: MARTINS, Nilciana Alves. O top 5 características do anarquismo. *Youtube*, 28 de abril de 2021. Disponível em <<https://youtu.be/U7HOBdQ4DaY>>. Acesso 07/10/2021.

⁸⁹Apesar disso, Emma Goldman, assim como muitos outros anarquistas, acreditam que é possível se livrar conscientemente, mesmo que minimamente, de muitas amarras que o sistema capitalista implanta em nossas mentes, isso ao ter uma *consciência refletida* do mundo.

pressuposto que mesmo os trabalhadores sindicalizados poderiam — consciente ou inconscientemente — reproduzir premissas e sentimentos estimulados por um mundo tão desigual. É partindo dessa visão que reconhece a força que o capitalismo pode ter em nossas mentes que a estratégia da solidariedade surge como uma forma de oposição. Se o dinheiro divide e dificulta a solidariedade, o sindicato deve ter moderação a fazer o uso do primeiro e se aproximar desse último.

E, diferente do que muitos opositores do anarquismo propunham na época, isto é, de que o anarquismo era inocente ao acreditar em uma solidariedade e espontaneidade que viriam “do nada”, como se esses princípios fossem parte da natureza humana, vemos que a solidariedade anarquista nada tem a ver com isso. Os anarquistas, assim como Emma Goldman, não acreditavam que os humanos nascidos dentro do sistema capitalista serão sempre solidários e espontâneos, pelo contrário, eles acreditam que é necessário criar estratégias para que determinados meios estimulem esses sentimentos e não o da centralização e do individualismo, que por si só já são estimulados pelo sistema capitalista. É por isso mesmo que os anarquistas defendem premissas como não ter grandes reservas de dinheiro dentro do sindicato, como também a rotatividade de funções dentro dessa instituição, pois essas seriam algumas formas de estimular a solidariedade e a espontaneidade, princípios contrários aos propostos pelo sistema capitalista. Dito isso, fica mais fácil compreender a afirmação de Goldman de que “o *valor ético* [grifo nosso] principal do sindicalismo consiste na ênfase que ele coloca na necessidade do trabalho se livrar do elemento de discórdia, parasitismo e corrupção em suas fileiras” (Goldman, 2010:4), visto que “ele procura cultivar a devoção, a solidariedade e o entusiasmo, que são mais essenciais e vitais na luta econômica do que o dinheiro” (Goldman, 2010:4).

Goldman, nesse artigo, também destinou um espaço para analisar os métodos empregados pelo sindicalismo, sendo eles: a ação direta, a sabotagem e a greve geral. Para Goldman, “a Ação Direta é o esforço individual ou coletivo consciente para protestar contra, ou remediar condições sociais através da asserção sistemática do poder econômico dos trabalhadores” (Goldman, 2010:5). Já a sabotagem, muitas vezes vista como criminosa, é, para Goldman, “ética no melhor sentido” (Goldman, 2010:5), pois, a sabotagem, está “principalmente preocupada com a obstrução por qualquer método possível, do processo regular de produção, demonstrando desse modo a determinação dos trabalhadores em dar de acordo com o que recebem, e nada mais” (Goldman, 2010:5). Em suma, “a sabotagem é

meramente uma arma de defesa na guerra industrial, a qual é a mais efetiva porque atinge o capitalismo em seu ponto mais fundamental, o bolso” (Goldman, 2010:5). Já a greve geral, é “a suspensão do trabalho, o cessamento das atividades” (Goldman, 2010:5), ademais, “uma Greve Geral tem mais segurança de precipitar um acordo do que uma greve comum” (Goldman, 2010:5), sendo, muitas vezes, uma tática de resultados positivos para a classe. Sobre a greve geral, Goldman salienta que:

Quando Sorel afirma que a Greve Geral é uma inspiração necessária para as pessoas darem significado às suas vidas, ele está expressando um pensamento que os anarquistas se cansaram de enfatizar. No entanto, eu não concordo com Sorel que a Greve Geral é um “mito social”, que ela nunca pode ser realizada. Eu acredito que a Greve Geral se tornará um fato no momento que o trabalho compreender seu valor total — seu valor destrutivo assim como construtivo, como de fato muitos trabalhadores ao redor do mundo estão começando a perceber. (Goldman, 2010:5).

Entre as atividades estabelecidas por sindicalistas franceses estavam, segundo Goldman, as sociedades de apoio mútuo, que tinham como objetivo principal “assegurar o trabalho para membros desempregados, e para promover este espírito de assistência mútua que repousa sobre a consciência da identidade de interesses do trabalho ao redor do mundo” (Goldman, 2010:6). Goldman cita a obra “O movimento Operário na França”, escrita por Louis Levine, para mostrar que “durante o ano de 1902 mais de 74000 pessoas, de um total de 99000 requerentes, conseguiram trabalho por estas sociedades” (Goldman, 2010:5), evidenciando assim a forma como esse sindicalismo estava preocupado não só com os já sindicalizados, mas também os trabalhadores que se encontravam desempregados.

Para Goldman, a existência dessas sociedades permitia que essas pessoas arrumassem algum trabalho “sem serem obrigadas a se submeter à extorsão dos tubarões das agências de emprego. Estes últimos que são uma fonte da mais baixa degradação, assim como da exploração mais descarada, do trabalho” (Goldman, 2010:5). Goldman salienta ainda a necessidade da existência dessas sociedades em solo norte-americano, visto que nos Estados Unidos essas agências também eram, em muitos casos, “agências de detetives mascarados, conduzindo pessoas em necessidade de emprego para regiões de greve, sob falsas promessas de emprego estável e bem remunerado” (Goldman, 2010:5). Na visão de nossa pensadora, “a Confederação Francesa há muito tempo percebeu o papel depravado das agências de emprego como sanguessugas do trabalhador desempregado e berçários de fura-graves” (Goldman, 2010:5). E, “pela ameaça de uma Greve Geral, os sindicalistas franceses forçaram o governo a abolir os tubarões das agências de emprego, e as próprias sociedades de apoio mútuo quase que totalmente as substituíram, para a grande *vantagem econômica e moral do trabalho* [grifo

nosso]” (Goldman, 2010:5). É interessante pensar que Emma faz sua crítica aos “tubarões das agências de emprego” ainda no início do século XX e, apesar de se tratar de momentos históricos diferentes, ainda hoje, reclamações em torno das agências de emprego são constantes. Aliás, inúmeras são as manchetes que anunciam a preocupação constante do trabalhador com o “golpe do falso emprego”.

Segundo Goldman, outra atividade da Confederação Francesa que tendia a “fundir o trabalho em laços mais fortes de solidariedade e apoio mútuo” (Goldman, 2010:7) era “os esforços para ajudar trabalhadores que viajavam de local para local” (Goldman, 2010:7). Para Goldman, “*o valor prático assim como ético* [grifo nosso] desta assistência é inestimável” (Goldman, 2010:7), pois ela “serve para instilar o espírito de companheirismo e dá uma consciência de segurança no espírito de unidade com a grande família do trabalho” (Goldman, 2010:7). Emma ressalta ainda que esse tipo de atividade é “completamente estranha aos corpos operários deste país⁹⁰, e como resultado o trabalhador que viaja em busca de trabalho é vítima das leis de vadiagem, e por isso lamentavelmente é recrutado, através do *estresse da necessidade* [grifo nosso], ao exército dos furas-greves” (Goldman, 2010:7). As consequências de atividades como essa, segundo Goldman, eram de grande valor prático e ético, ainda sobre essa questão Goldman descreve que ela mesma quando estava na sede da Confederação testemunhou repetidamente:

Os casos de trabalhadores que vinham com seus cartões do sindicato de várias partes da França, e mesmo de outros países da Europa, e eram providos com refeições e alojamento, e encorajados por cada prova de espírito fraterno, e levados a se sentir em casa por seus companheiros trabalhadores da confederação. É em grande parte devido a estas atividades dos sindicalistas que o governo francês é obrigado a empregar o exército para a quebra de uma greve, porque poucos trabalhadores estão dispostos a se prestarem a este serviço, graças aos esforços e às táticas do sindicalismo. (Goldman, 2010: 7).

Além das atividades de apoio mútuo, os sindicalistas estabeleciam atividades de cooperação entre a cidade e o campo, já que o camponês ou fazendeiro acabava por suprir “os trabalhadores com mantimentos durante greves ou cuidando das crianças dos grevistas” (Goldman, 2010:7). Preocupados também com o acesso ao conhecimento, a Confederação organizava classe noturnas, onde se tratava temas como “higiene sexual, o cuidado das mulheres durante a gravidez e o confinamento, o cuidado do lar e das crianças, saneamento e higiene geral”(Goldman, 2010:7). Dessa forma, segundo Goldman:

⁹⁰Nesse caso Emma Goldman se refere aos Estados Unidos da América.

Cada ramo do conhecimento humano — ciência, história, arte — recebe atenção minuciosa, junto com a aplicação prática nas bibliotecas dos trabalhadores estabelecidas, dispensários, concertos e festivais, dos quais os maiores artistas e literatos de Paris consideram uma honra participar. (Goldman, 2010: 7).

Goldman ressalta ainda que “um dos esforços mais vitais do sindicalismo é preparar os trabalhadores agora para seu papel em uma sociedade livre” (Goldman, 2010:7) e, por isso mesmo, “as organizações sindicalistas provém seus membros com livros sobre cada ofício e indústria [...] para o propósito de familiarizá-lo com todos os ramos de sua indústria” (Goldman, 2010:7), para que, “quando o trabalho finalmente tomar a produção as pessoas estiverem totalmente preparadas para administrar com sucesso seus próprios assuntos” (Goldman, 2010:7,8). Nesse sentido, esse método de educação aplicada não somente treina o trabalhador em sua luta diária, mas também serve “para equipá-lo para a batalha real e para o futuro quando ele deverá assumir seu lugar na sociedade como um ser inteligente e consciente e um produtor útil, uma vez que o capitalismo for abolido” (Goldman, 2010:8). Goldman, então, cita uma demonstração da efetividade da campanha educativa do sindicalismo revolucionário através da ação dos ferroviários italianos, segundo ela:

Ferrovários italianos, cujo domínio de todos os detalhes do transporte é tão grande que eles podiam se oferecer ao governo italiano para tomar as ferrovias e garantir sua operação com maior economia e menos acidentes do que é feito no presente pelo governo. Sua habilidade de conduzir a produção foi provada pelos sindicalistas de forma impressionante, em conexão com a greve dos assopradores de vidro na Itália. Lá os grevistas, ao invés de permanecerem ociosas durante o progresso da greve, decidiram eles mesmos conduzirem a produção de vidro. O maravilhoso espírito de solidariedade resultante da propaganda sindicalista os permitiu construir uma fábrica de vidro dentro de um tempo incrivelmente curto. Uma velha construção alugada para o propósito que teria requerido normalmente meses para ser colocada em condições adequadas foi transformada em uma fábrica de vidro dentro de poucas semanas pelos esforços solidários dos grevistas ajudados por seus companheiros que trabalhavam depois do expediente. Então os grevistas começaram a operar a fábrica de sopramento de vidro, e seu plano cooperativo de trabalho e distribuição durante a greve se mostrou tão satisfatório de todas as maneiras que a fábrica experimental foi transformada em permanente e uma parte da indústria de sopramento de vidro na Itália está agora nas mãos da organização cooperativa dos trabalhadores. (Goldman, 2010: 8).

Após suas observações cotidianas, Goldman concluí que “quase todos os principais sindicalistas concordam com os anarquistas que uma sociedade livre pode existir somente através da associação voluntária e que seu sucesso derradeiro irá depender” (Goldman, 2010:8). Então, “do desenvolvimento intelectual e moral dos trabalhadores que irão suplantam o sistema salarial com um novo arranjo social, baseado na solidariedade e no bem-estar econômico para todos” (Goldman, 2010:8), isto seria, por fim, “o sindicalismo, na teoria e na prática” (Goldman, 2010:8). Nossa pensadora, como já mencionado, utilizou-se, entre outras coisas, da experiência adquirida durante o ano de 1907, no Congresso Anarquista de

Amsterdã, para chegar as conclusões aqui já evidenciada. Dessa forma, acreditamos ser relevante apresentar a visão que o anarquista Errico Malatesta e o sindicalista Pierre Monatte divulgaram em torno do sindicalismo no referido Congresso para, assim, evidenciar a pluralidade dentro do pensamento anarquista, como também mostrar as especificidades da perspectiva de Goldman.

Monatte, no referido Congresso, proferiu a conferência “Em defesa do Sindicalismo”. Nela, ele ressaltou que quando falamos de sindicalismo deveríamos nos voltar para a ação, a prática e não somente para os livros (Monatte, 1981: 197). Para ele, “seria preciso estar cego para não ver as semelhanças entre anarquismo e o sindicalismo. Ambos tentam eliminar o capitalismo e o sistema salarial através de uma revolução social” (Monatte, 1981: 197). O sindicalismo teria feito “renascer no anarquismo uma consciência de suas origens entre os trabalhadores” (Monatte, 1981: 197). Um exemplo desse sindicalismo defendido por Monatte seria a Confederação Geral do Trabalho francesa, “a única organização operária que, embora se declare totalmente revolucionária, não tem qualquer ligação com nenhum partido político, nem mesmo os mais avançados” (Monatte, 1981: 197). Segundo Monatte, “a autonomia” (Monatte, 1981: 197) tem sido a força da Confederação, e apesar dos furiosos adversários nomearem a CGT como “anarquista” por conta dessa autonomia, “a CGT, um enorme agrupamento de sindicatos e uniões trabalhistas, não tem uma doutrina oficial” (Monatte, 1981: 197).

Já sobre a estrutura da CGT, Monatte declara que “diferente da estrutura de tantas outras organizações operárias, ela não é nem centralizada, nem autoritária” (Monatte, 1981: 198), dessa forma, “o Comitê exerce função apenas diretiva e não monopoliza funções executivas e legislativas” (Monatte, 1981: 198). Sobre os fundos da CGT, Monatte lembra que “o orçamento da CGT é extremamente modesto, não ultrapassando a soma de 30,000 francos por ano” (Monatte, 1981: 198) e, apesar disso, a confederação tem sucesso em suas atividades, isso porque “mesmo pobre em dinheiro, sindicalismo francês é rico em energia, dedicação, entusiasmo” (Monatte, 1981: 198). Para o sindicalista francês, a CGT segue o mesmo lema proposto, inicialmente, pela Internacional, isto é, “a emancipação dos operários é tarefa dos próprios operários” (Monatte, 1981: 199), o lema de “todos aqueles que acreditam na ação direta e são contra o parlamentarismo” (Monatte, 1981: 199). O sindicalismo revolucionário seria, então, “a doutrina que vê no sindicato um órgão de transformação social e a greve geral como o meio de obtê-la” (Monatte, 1981: 200).

Segundo o francês, ao adotar o princípio de “só um sindicato para cada profissão e cada cidade”(Monatte, 1981: 200), a CGT conseguiu chegar na “neutralização política do sindicato” (Monatte, 1981: 200), já que ele “não pode nem deve ser anarquista, Guesdista, Allemanista ou Blanquista mas simplesmente, operário” (Monatte, 1981: 200). Ainda segundo Monatte, entre os meios que o sindicalismo revolucionário dispunha para chegar à emancipação da classe operária estava a ação direta, que é basicamente “agir em seu próprio benefício, contar apenas com seu próprio esforço” (Monatte, 1981: 201). Entre as formas que a ação direta poderia adquirir, estava a greve geral e a sabotagem, sendo a greve a forma na qual “o operariado começa a participar da luta de classes e entra em contato com as ideias que surgiram com ela” (Monatte, 1981: 201). Portanto, “é através da greve que as massas recebem sua educação revolucionária e começam a entender a sua própria força e o poder do inimigo, adquirindo confiança em si próprios e no valor das ações audaciosas” (Monatte, 1981: 201). Já a ideia básica por trás da sabotagem seria “quem ganha pouco, trabalha mal” (Monatte, 1981: 201) e, segundo Monatte, “o método já obteve resultados significativos” (Monatte, 1981: 201) e, em ocasiões em que a greve demonstrou não ter força suficiente, “a sabotagem conseguiu quebrar a resistência dos patrões”(Monatte, 1981: 201). Para Monatte:

É importante que os proletários de todos os países aprendam com a experiência sindicalista do operariado francês. E a tarefa do anarquista é assegurar-se de que essa experiência se repita em qualquer lugar aonde existia uma classe operária lutando pela emancipação [...] assim como só há uma classe operária, também só deveria haver em cada indústria e cada cidade uma única organização de classe, um único sindicato. Só assim é que a lutas de classes, livres dos obstáculos criados a cada momento pelas rugas entre escolas e facções rivais, poderia expandir-se em todos os sentimentos e atingir seus objetivos prioritários [...] O sindicalismo não perde tempo prometendo um paraíso terrestre. Ele exige que os próprios operários lutem para conquistá-lo, assegurando-lhes que seus atos jamais serão em vão. É uma escola de força de vontade, entusiasmo e pensamentos criativos. Abre novas perspectivas e esperanças para um anarquismo que esteve durante muito tempo fechado em si mesmo. (Monatte, 1981: 202).

A essa altura, fica evidente que há convergências fundamentais entre a visão de Goldman e Monatte sobre o papel do sindicato, mas também há algumas diferenças. Nossa pensadora, assim como o francês, reconhecia o valor ético e prático das atividades da CGT e, por isso mesmo, concordava com Monatte sobre as frutíferas consequências da adoção da greve geral e da sabotagem. Além disso, ambos identificavam na CGT uma estrutura não centralizada/ não autoritária de organização. O uso modesto que o sindicato deve fazer do dinheiro também é um tema que aparece no texto de ambos revolucionários, ainda que de maneira um pouco diferentes dentro da linha argumentativa de cada um.

Mas há algumas diferenças, Monatte, por exemplo, resiste em afirmar que a CGT seria um sindicato anarquista, para ele seria um sindicato autônomo, um sindicato que se funda dentro da lógica da neutralização política. Goldman (Goldman, 2010:3), por outro lado, afirma que esse “sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo”. Apesar da CGT não ter doutrina oficial, Goldman reconhece que, na prática, a confederação atua e se estrutura de forma anarquista, já que seus princípios são compatíveis com o tronco duro do anarquismo, então, em suma, esse “sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo”(Goldman, 2010:3), ainda que não se intitule anarquista.

No mesmo Congresso, Malatesta proferiu a palestra “Sindicalismo: a crítica de um anarquista”, resposta direta a Monatte. O anarquista italiano, iniciou sua narrativa já evidenciando que se opõe a ideia de que o “sindicalismo se basta a si mesmo” (Malatesta, 1981: 203), de que ele seria o suficiente para obter a revolução social. Todavia, Malatesta afirma também que “hoje, como no passado, gostaria de ver os anarquistas ingressarem no movimento operário. Hoje, como ontem, sou um sindicalista no sentido que defendo os sindicatos” (Malatesta, 1981: 203). Além disso, Malatesta mostrou que não estava “exigindo sindicatos anarquistas, o que resultaria imediatamente no aparecimento de sindicatos social-democratas, republicanos [...] e muitos outros e acabaria por lançar mais do que nunca a classe operária contra si mesma” (Malatesta, 1981: 203). Malatesta desejava, assim como muitos outros anarquistas, “que os sindicatos estivessem abertos a todos os trabalhadores e não se deixassem influenciar, mas permanecessem absolutamente livres” (Malatesta, 1981: 203).

Malatesta se colocava tão aberto ao sindicato, pois era “a favor da participação mais ativa no movimento operário, sobretudo como forma de propaganda cujo alcance poderia se tornar muito mais amplo” (Malatesta, 1981: 203), mas, somado a isso, ele faz um apelo aos anarquistas, ao ressaltar que “mesmo dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda força e amplitude implícitas nessa definição” (Malatesta, 1981: 204). Na opinião do italiano, “o movimento operário não é mais do que um meio” (Malatesta, 1981: 204) e, apesar de ser o “melhor meio” (Malatesta, 1981: 204) que os anarquistas dispunham, o movimento operário ainda era um meio e, por isso mesmo, ele recusava “aceitar esse meio como um fim” (Malatesta, 1981: 204).

Malatesta aponta como um erro no ponto de vista dos sindicalistas a sua “certa propensão para transformar meios em fins e para considerar as partes como sendo o todo”

(Malatesta, 1981: 204), chegando a afirmar que “o sindicalismo não é nem nunca será mais do que um movimento legítimo e até mesmo conservador, sem outro objetivo senão a melhoria das condições de trabalho operário” (Malatesta, 1981: 204). O anarquista usa como exemplo os sindicatos americanos para justificar essa sua ideia, entretanto, vale ressaltar aqui, que o sindicalismo que Monatte defende em sua fala não é o que segue modelos estadunidenses, mas sim os sindicatos que abraçam o sindicalismo revolucionário descrito na Carta de Amiens. A própria Emma destaca as limitações dos sindicatos estadunidenses e a necessidades dessas instituições se aproximarem do sindicalismo revolucionário. De qualquer forma, para Malatesta, o erro básico de Monatte e de todos os sindicalistas revolucionários:

Tem origem na concepção demasiado simplista de luta de classes, segundo a qual todos os interesses econômicos da classe operária são idênticos e que, no momento em que alguns operários assumem a defesa de seus próprios interesses, estarão defendendo todo o proletariado contra o capitalismo. Sugiro uma realidade bem diferente. Tal como acontece aos membros da burguesia e a todos os homens, os operários também estão sujeitos à lei universal da competição que é uma consequência da existência da propriedade privada e do governo e que só desaparecerá no dia em que ambos desaparecerem. (Malatesta, 1981: 204,205).

Malatesta também cita o proletariado desempregado para fazer sua explanação sobre as limitações do sindicalismo, ao afirmar que não podemos esquecer esse proletariado “desempregado que não para de crescer e que não interessa ao sindicalismo que chega a ver nele um inimigo, mas que é nosso dever defender, porque seus membros estão entre os que mais sofrem” (Malatesta, 1981: 204). Aqui, percebemos que Malatesta fala com base no que conhece de práticas sindicais mais tradicionais, não compreendendo ainda as contribuições práticas e éticas que as atividades organizadas pelo sindicalismo revolucionário significavam. Goldman, nesse sentido, se mostrava mais aberta para o sindicalismo revolucionário do que Malatesta, visto que nossa pensadora destaca em sua narrativa as contribuições éticas e práticas que esse tipo de sindicalismo poderia oferecer, sugerindo até a necessidade da adoção desse sindicalismo por parte dos sindicatos estadunidenses.

Apesar de acreditar que o ambiente social faz com que a competição seja visível dentro dos círculos operários, Malatesta também considerava que “a solidariedade moral pode existir entre os operários, mesmo quando não existe solidariedade econômica” (Malatesta, 1981: 205). E, essa solidariedade, “só pode ser o resultado de uma comunhão que surge sob a égide de um ideal compartilhado” (Malatesta, 1981: 205), sendo papel dos anarquistas “despertar os sindicatos para esse ideal, orientando-os gradualmente para a revolução social, mesmo que ao fazê-lo, corram o risco de prejudicar as ‘vantagens imediatas’ que tanto

parecem agradá-los” (Malatesta, 1981: 205). Aqui, vemos que Malatesta sugere que é a ação dos anarquistas dentro dos sindicatos que poderia orientar todos ali para um ideal que produziria então a solidariedade. Por outro lado, Goldman evidenciou em seu artigo que são os próprios princípios organizacionais, o próprio tipo de estrutura das confederações sindicalistas revolucionárias, como também suas atividades ancoradas em princípios de autonomia, que permitia o desenvolvimento do sentimento de solidariedade nesses ambientes. Mais uma vez, creio que poderíamos afirmar que Emma é uma anarquista mais aberta ao sindicalismo revolucionário do que Malatesta, *ao menos com base nos artigos aqui analisados*.

Malatesta ressaltou ainda alguns “perigos da ação sindicalista” (Malatesta, 1981: 205) e, entre eles, estava “a possibilidade de que os militantes do movimento anarquista aceitem tornar-se funcionários do sindicato, especialmente se receberem pagamento em troca do seu trabalho” (Malatesta, 1981: 205). Outro perigo seria “cair na desastrosa ilusão de que a greve geral elimina a necessidade de uma revolução armada” (Malatesta, 1981: 206). Para a greve ter efetividade, “deveríamos pedir ao operário não seria tanto que parasse de trabalhar, mas que continuasse a trabalhar em seu próprio interesse”(Malatesta, 1981: 207), pois “sem isso, a greve geral logo se transformará em fome geral” (Malatesta, 1981: 207). Ora, o sindicalismo revolucionário se fundamenta exatamente em cima da ideia de permitir o operário de trabalhar em seu próprio interesse, mas Malatesta negligência esse fator. Por fim, Malatesta considera que “a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas *meios*; a *anarquia* é o *fim*” (Malatesta, 1981: 207). Para o italiano, a revolução anarquista “excede os interesses de uma única classe — ela se propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral” (Malatesta, 1981: 207), por isso mesmo, “é preciso que permaneçamos atentos contra qualquer plano simplista e unilateral de ação”(Malatesta, 1981: 207).

A essa altura, acreditamos ser possível afirmar que Goldman concordaria com Malatesta no que diz respeito a visão de que o anarquismo se “propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral”(Malatesta, 1981: 207) e de que o anarquista deve atuar na sociedade de forma múltipla. De qualquer forma, percebemos, com base nos artigos aqui analisados, que Malatesta tem uma desconfiança maior no que diz respeito ao sindicalismo revolucionário. Já

Emma, por outro lado, estrutura sua linha argumentativa de forma a mostra aos leitores os benefícios práticos e éticos desse sindicalismo. Nossa pensadora, dessa forma, demonstra certo entusiasmo com o sindicalismo posto em prática pela CGT, sugerido até mesmo a necessidade da entrada desses princípios organizacionais nos sindicatos norte-americanos. Emma, diferente de Malatesta, aproxima o sindicalismo do anarquismo, já o italiano, decide por mostrar os perigos e as diferenças de ambos. Por fim, fica evidente que dentro da tradição anarquista há muita pluralidade teórica e prática.

Optamos por trazer essas três narrativas, a de Emma, Malatesta e Monatte, para mostrar que o sindicalismo revolucionário foi um tema discutido dentro do universo anarquista. Ao cruzar essas narrativas, vemos que a filosofia anarquista tem pensadores plurais, que possuem convergências e divergências em torno das possíveis estratégias que se poderia adotar naquele momento. Emma aparece então como uma pensadora complexa, que trata de diferentes temas e que tem uma posição específica sobre o sindicalismo revolucionário. Acreditamos que a reflexão desenvolvida no presente artigo contribui para dar visibilidade para a perspectiva anarquista, tão silenciada pelas universidades. Esperamos ter cumprido nossa missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIOLI, Maurizio. (2009), *The International Anarchist Congress*, Amsterdam 1907. Edmonton: Black Cat Press.

DAVIS, Angela. (2016), *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.

GOLDMAN, Emma. (2010), *Sindicalismo: Sua Teoria e Prática*. São Paulo: Ateneu Diego Giménez.

MALATESTA, Errico. (1891), *Sindicalismo: a crítica de um anarquista*. In: WOODCOCK, George, *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

MONATTE, Pierre. (1891), *Em defesa do Sindicalismo*. In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

SCHMIDT, Michael e WALT, Lucien Van der. (2009), *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press.

SILVA, Selmo Nascimento da. (2019). O Sindicalismo Revolucionário: suas origens, princípios e programa. Revista Estudos Libertários (REL),ISSN 2675-0619, Rio de Janeiro, v.1, nº1, p.94-119.

TOLEDO, Edilene. (2004),Travessias Revolucionárias - Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Editora da Unicamp.